

Princípios da Natureza e da Graça

Gottfried Wilhelm Leibniz

(1714)

1. A substância é um Ser capaz de Ação; ela é simples ou composta. A substância simples é aquela que não possui partes. A substância composta é uma reunião de substâncias simples ou Mônadas. Monas é uma palavra grega que significa unidade ou aquilo que é único. Os compostos ou corpos são multiplicidades e as substâncias simples – os Espíritos, as Almas, as Existências – são unidades. E deve haver substâncias simples por toda a parte, pois sem o simples não haveria compostos; e, por isso, a totalidade da natureza está repleta de vida. (M.§§ 1; 2)

2. As Mônadas, por não possuírem partes, jamais podem ser feitas ou desfeitas. Elas não podem começar ou terminar naturalmente e, portanto, continuarão existindo enquanto durar o universo, que passa por mudança mas jamais será destruído. Elas não podem ter formas, pois, de outro modo, possuiriam partes: e, por conseqüência, uma Mônada em si mesma e em um instante não pode ser diferenciada de uma outra exceto por suas qualidades e ações internas, as quais não podem ser outra coisa que suas percepções (ou seja, as representações dos compostos, ou do que é externo, no simples) e suas apetições (isto é, suas tendências de moverem-se de uma percepção a outra) que são os princípios da mudança. Pois a simplicidade de uma substância não exclui de modo algum uma multiplicidade das modificações que devem encontrar-se juntas em uma substância simples; e essas modificações devem consistir em uma variedade de relações a coisas externas a ela – tal qual o modo como em um centro ou em um ponto, embora seja completamente simples, encontra-se uma infinidade de ângulos formados através das linhas que nele se interceptam. (M.§§ 3; 4; 5; 9; 11)

3. Na natureza tudo está repleto. Há substâncias simples por toda parte, verdadeiramente separadas umas das outras por suas próprias ações, que continuamente alteram suas relações. Cada substância simples ou Mônada individual, que forma o centro de uma substância composta (como de um animal, por exemplo) bem como o princípio de sua unidade, está rodeada por uma massa constituída por uma infinidade de outras Mônadas que constituem o próprio corpo daquela Mônada central, conforme as afecções do qual ela representa, como em uma espécie de centro, as coisas que estão em seu exterior. E esse corpo é orgânico, quando forma um tipo de Autônomo ou Máquina da Natureza, que é máquina não apenas em sua inteireza, mas, também em suas menores partes que se fizerem notar. E, devido à plenitude do mundo, tudo está vinculado e cada corpo atua, a grande ou pequeno grau, sobre cada outro corpo aproximadamente conforme a distância e é, reciprocamente, afetado; por conseguinte, segue-se que cada Mônada é um espelho vivo ou um espelho dotado de atividade interna, representando o universo de acordo com seu próprio ponto de vista, e por isso, também ordenando o universo por si mesma. As percepções das Mônadas nascem uma das outras através das leis do apetite ou das causas finais do bem e do mal (que consistem em percepções notáveis, ordenadas ou desordenadas), tal como as alterações dos corpos e os fenômenos externos nascem uns dos outros através das leis das causas eficientes, ou seja, dos movimentos. Assim, há uma perfeita harmonia entre as percepções da Mônada e os movimentos dos corpos, pré-estabelecida inicialmente entre o sistema de causas eficientes e aquele das causas finais. E é naquela harmonia que consiste a concordância e união física entre a Alma e o corpo sem que nenhum deles seja capaz de alterar as leis do outro. (M.§§ 15; 17; 56; 61; 63; 78)

4. Cada Mônada, com um corpo específico, forma uma substância viva. Conseqüentemente, não apenas há vida em toda parte, junto aos membros ou órgãos, mas também há uma infinidade de níveis entre as Mônadas, algumas delas dominando sobre outras. Mas quando os órgãos de uma Mônada estão ajustados de tal modo que por meio deles destacam-se e distinguem-se das impressões que recebem e, conseqüentemente, das percepções que as representam (como, por exemplo, quando os raios da luz são concentrados de modo que expressem os humores do olho e então funcionem com mais robustez), isso pode equivaler a um sentimento, quer dizer, uma percepção acompanhada por uma memória – isto é, de que um certo eco perdura por um longo período e se faz ouvir em circunstâncias apropriadas. Uma tal coisa viva é denominada animal, bem como sua Mônada é denominada uma alma. E quando esta alma está ao nível da razão, é algo muito mais sublime, e nós a incluímos na categoria dos Espíritos, como explicaremos a seguir. Mas às vezes os animais estão ao nível de simples coisas vivas e suas almas ao nível de simples Mônadas. Isso quando suas percepções não são suficientemente nítidas para ser lembradas, como ocorre durante um profundo sono sem sonhos ou durante a perda da consciência. Mas quando as percepções nos animais tornam-se inteiramente confusas, elas necessariamente tornam a elucidar-se, por razões que darei posteriormente (§ 12). Assim, é importante fazer a distinção entre percepção, que é o estado interno de uma Mônada que representa as coisas externas, e apercepção, que é a consciência ou o conhecimento reflexivo daquele estado interno. A apercepção não é dada a todas as almas, bem como não é dada sempre à mesma Alma. Em virtude da ausência dessa distinção, os cartesianos equivocaram-se ao considerar as percepções não percebidas como um nada, tal como muitos consideram os corpos imperceptíveis como um nada. E isso foi o que levou os mesmos cartesianos a crer que somente os Espíritos são Mônadas, que não há almas nos animais e, menos ainda, quaisquer outros Princípios de Vida. Os cartesianos muito feriram, a ordinária crença popular ao rejeitarem todo sentimento aos animais. Mas, pelo contrário, concordaram com o preconceito vulgar ao confundirem um longo entorpecimento resultante de uma grande desordem de percepções com a morte *stricto sensu*, na qual todas as percepções cessariam. Isso confirma a infundada opinião da destruição de determinadas almas bem como a opinião equivocada de alguns pretensos espíritos vigorosos que têm negado a imortalidade das nossas próprias almas. (M.§§ 14; 19; 20)

5. Há uma concatenação nas percepções dos animais, o que possui alguma analogia com a razão. Mas ela está baseada somente na memória de fatos ou efeitos e de modo algum no conhecimento das causas. Isso é o que ocorre quando um cão foge de uma vara com a qual foi surrado, porque a memória representa a dor que lhe causou. E os seres humanos, na medida em que são empíricos – o que significa dizer em três quartos do que realizam –, atuam como animais. Por exemplo, aguardamos o diário nascer do Sol porque assim sempre o experienciamos; somente um astrônomo prevê isto racionalmente. E mesmo sua predição um dia demonstrar-se-á errada quando a causa do nascer do Sol, que não é eterna, cessar. Mas o raciocínio verdadeiro depende de verdades necessárias ou eternas tais como aquelas da Lógica, dos Números e da Geometria, que estabelecem indubitáveis conexões entre idéias e conclusões que são infalíveis. Os animais, nos quais tais conclusões nunca são percebidas, denominam-se brutos; mas aqueles que reconhecem tais verdades necessárias são o que justificadamente denominamos animais racionais, e suas almas denominam-se Espíritos. Essas almas são capazes de atos de reflexão e de considerar o que denominamos Eu, Substância, Alma ou Espírito: em uma palavra, as coisas e as verdades imateriais. E isso

é o que nos torna capazes de ciência ou do conhecimento demonstrativo. (M.§§ 26; 28; 29; 30)

6. As investigações dos modernos têm mostrado, e a razão confirmado, que as coisas vivas, cujos representantes conhecemos, isto é, as plantas e os animais, não surgem da putrefação ou do caos, como os antigos acreditavam, mas de sementes pré-formadas e, portanto, da transformação de seres vivos pré-existentes. Há pequenos animais nas sementes dos grandes, que através de um processo de concepção assumem um novo envoltório do qual se apropriam e que lhes dá os meios de alimentarem-se e crescerem, a fim de passarem para uma grande etapa e assim reproduzir o animal maior. As almas dos animais humanos espermáticos não são racionais e assim não se tornam até que a concepção determine uma natureza humana para tais animais. E exatamente como, em geral, os animais não se originam inteiramente do ato da sua concepção ou geração, também não chegam inteiramente a um fim que denominamos sua morte; pois é apenas razoável que o que não se inicia naturalmente tampouco deva ter fim na ordem da natureza. E assim, livrando-se de suas cascas ou das gastas pelagens, eles meramente retornam a uma etapa mais sutil na qual, não obstante, podem estar tão perceptíveis e ordenados como estavam na etapa maior. E o que dissemos a respeito dos grandes animais, também aplica-se à geração e morte dos próprios animais espermáticos; quer dizer, desenvolvem-se de outros animais espermáticos ainda menores, em relação aos quais são maiores; pois na natureza tudo continua infinitamente. Assim, não apenas as Almas, como também os animais, são ingênitos e imperecíveis; eles são somente desenvolvidos e envolvidos, recobertos e despidos, transformados. As almas nunca abandonam seu corpo totalmente e nunca passam de um corpo para outro que lhes seja inteiramente novo. Por isso, não há metempsicose, mas sim metamorfose. Os animais transformam-se, meramente assumindo e abandonando partes: isso ocorre pouco a pouco, em diminuto, por etapas imperceptíveis, porém de maneira contínua, no processo de nutrição. E ocorre de repente, de forma notável, embora raramente, na concepção ou na morte, quando obtêm ou perdem grande quantidade de maneira súbita. (M.§§ 72; 74; 75; 76)

7. Até o momento falamos apenas ao nível da investigação física; agora devemos nos elevar à Metafísica utilizando-nos de um grande princípio, não muito extensamente usado, que afirma que nada acontece sem uma razão suficiente; isto é, que nada ocorre sem que seja possível, para aquele que conhece as coisas muito bem, fornecer uma razão suficiente para a determinação do porquê as coisas serem assim e não de outra maneira. Dado esse princípio, a primeira questão que colocamos é: por que há alguma coisa em vez do nada? Afinal, o nada é mais simples e fácil do que alguma coisa. E, ademais, mesmo que assumamos que as coisas devam existir, devemos ser capazes de dar uma razão para que existam desta forma e não de uma outra. (M.§ 32)

8. Ora, a razão suficiente para a existência do Universo nunca pode ser encontrada na série de coisas contingentes, isto é, nos corpos e em suas representações nas Almas. Porque a matéria, nela própria, é indiferente ao movimento ou ao repouso, ou a este movimento ou àquele. Portanto, não poderíamos achar na matéria uma razão para o movimento e menos ainda para qualquer movimento em particular. E desde que qualquer movimento que se encontra na matéria no presente vem de um movimento prévio, e este também de um outro anterior, não avançaremos muito se assim procedermos interminavelmente pois a mesma questão sempre permanecerá. Portanto, a razão suficiente, que não necessita de qualquer razão adicional, deve situar-se fora

daquela série de coisas contingentes e deve encontrar-se em uma substância que é a causa das séries: deve situar-se em um Ser necessário que traz em si a razão de sua própria existência. Do contrário, ainda continuaríamos a não possuir uma razão suficiente na qual poderíamos finalizar. E aquela razão final para as coisas é o que denominamos Deus. (M. §§ 37; 38)

9. Essa substância simples e originária deve conter eminentemente as perfeições que estão contidas nas substâncias derivadas que constituem seus efeitos. Assim, conterà o poder, o conhecimento e a vontade perfeitos; em outras palavras, será essa substância onipotente, onisciente e de suprema bondade. E como a justiça, entendida de forma geral, nada mais é do que a bondade em conformidade com a razão, claramente Deus deve possuir a justiça suprema. A Razão que fez as coisas existirem de si mesma também as faz depender de si para suas existências e ações, e continuamente dela recebem toda perfeição que possuam. Mas as imperfeições que retêm derivam da limitação essencial e inata de uma coisa criada. (M. §§ 38; 40)

10. Segue-se da Suprema Perfeição de Deus que, na produção do universo, tenha Ele escolhido o melhor projeto possível, no qual há a maior variedade junto com a maior ordem. O terreno, o lugar e o tempo foram usados para a obtenção do maior proveito: o máximo efeito foi produzido pelos métodos mais simples. Às coisas criadas foram dispostos os mais altos níveis de poder, conhecimento, felicidade e bondade que o universo poderia permitir. Pois no entendimento de Deus todas as coisas possíveis expõem suas pretensões à existência em proporção às suas perfeições; portanto, o resultado de todas essas pretensões deve ser um mundo atual que é o mais perfeito possível. Se assim não fosse, impossível seria dar qualquer razão pela qual as coisas têm sido assim e não de outro modo. (M. §§ 54; 55; 58)

11. A Suprema Sabedoria de Deus o fez escolher em particular as leis do movimento que fossem as mais apropriadas e que melhor conviessem aos raciocínios abstratos e metafísicos. Elas conservam a mesma quantidade de força total ou absoluta, ou de ação, a mesma quantidade de força relativa ou de reação e, finalmente, a mesma quantidade de força diretiva. E, além do mais, a ação sempre é igual à reação e o efeito completo é sempre equivalente à causa total. E é surpreendente que, pela exclusiva consideração das causas eficientes ou da matéria, não possam ser explicadas essas leis do movimento, que têm sido descobertas em nossa época - algumas das quais descobertas por mim mesmo. Pois percebi que temos que recorrer às causas finais e que essas leis não dependem do princípio da necessidade, ao contrário das verdades Lógicas, Aritméticas ou Geométricas, mas sim do princípio da conveniência, isto, é, de escolhas da sabedoria. Para qualquer um que profundamente examine as coisas, essa é uma das mais eficazes e evidentes provas da existência de Deus. (M. §§ 52; 79; 80)

12. Segue-se da Perfeição do Supremo Criador não apenas que a ordem do universo é a mais perfeita que poderia ser, mas também que cada espelho vivo que representa o universo conforme seus próprios pontos de vista, ou seja, que cada Mônada, cada centro substancial, deve possuir suas percepções e seus apetites ordenados do melhor modo que é compatível com todo o resto. E deste segue-se também que as almas, ou seja, as Mônadas mais dominantes - ou antes os próprios animais - não podem deixar de despertar do estado de entorpecimento, ou morte, ou algum outro acidente, no qual é colocado. (M. §§ 73; 77)

13. Pois tudo nas coisas está ordenado de uma vez por todas com tanta regularidade e harmonia quanto possível, a Suprema Sabedoria e Bondade não podendo agir exceto de maneira perfeita e harmoniosa: o presente está, por isso, prenhe de futuro, podendo este último ser lido no passado, o remoto sendo expresso no próximo. A beleza do universo poderia ser conhecida em cada alma individual, se pudéssemos tão somente revelar tudo que nele está envolto e que se tornará perceptível apenas com o seu desenvolvimento no tempo. Mas tal como cada uma das nítidas percepções da alma envolve uma infinidade de percepções confusas que envolvem o universo inteiro, também a própria alma não conhece as coisas das quais tem uma percepção exceto na medida em que possui uma percepção que é nítida e revelada. E a alma é perfeita na medida em que possui percepções nítidas. Toda alma conhece o infinito, conhece tudo, mas confusamente. Exatamente como quando, andando próximo ao mar, ouço o grande barulho que produz, embora sem distinguir o som individual de cada onda que o compõe, do mesmo modo nossas percepções confusas são o resultado das impressões que todo o universo produz em nós. Ocorre o mesmo com cada Mônada. Somente Deus tem um conhecimento nítido de tudo, porque Ele é sua fonte. Tem sido afirmado, com justiça, que é como se Deus estivesse centrado em toda a parte; mas a circunferência deste centro de Deus não estaria em nenhum lugar, porque para Ele tudo está presente imediatamente, a nenhuma distância daquele centro. (M.§§ 21; 22; 61)

14. No que diz respeito à Alma racional ou ao Espírito, há algo mais do que há nas Mônadas ou nas simples Almas. A alma racional é não somente um espelho do universo ou das coisas criadas, mas também uma imagem da Divindade. O Espírito não apenas possui uma percepção das obras de Deus, mas também é capaz de produzir alguma coisa que se assemelha àquelas obras, embora em uma escala menor. Pois, sem mencionar as maravilhas dos sonhos, onde idealizamos sem dificuldade (mas também involuntariamente) coisas sobre as quais teríamos de pensar por muito tempo se acordados estivéssemos, nossa alma também atua de forma planejada em suas ações voluntárias e, na descoberta das ciências, em conformidade com o modo como Deus ordenou as coisas (pelo peso, medida, número etc). A alma reproduz, em sua própria esfera e no pequeno mundo no qual está autorizada a operar, o que Deus faz no mundo em maior escala. (M.§§ 83; 84)

15. Esse é o motivo pelo qual todos os espíritos, quer dos homens quer dos espectros, em virtude da Razão e das Verdades eternas, entram em um tipo de comunidade com Deus, sendo membros da Cidade de Deus; isto é, eles são membros do mais perfeito estado, formado e governado pelo maior e melhor dos Monarcas e no qual não há crime sem punição, nem boa ação sem sua apropriada recompensa e que, no conjunto, possui o maior nível possível de virtude e bondade. E tudo isso é realizado, não por perturbação da natureza, como se o que Deus dispôs para as almas pudesse perturbar as leis dos corpos, mas através da mera ordem das próprias coisas naturais, em virtude da harmonia pré-estabelecida desde todo tempo entre os Reinos da Natureza e da Graça, entre Deus como Arquiteto e Deus como Monarca, de tal modo que a própria natureza guia-se para a graça e esta, por sua vez, aperfeiçoa a natureza enquanto dela se serve. (M.§§ 84; 85; 87)

16. Assim, embora a Razão não possa nos dizer em detalhes o grande futuro que nos aguarda - uma tarefa que está reservada para a revelação - aquela mesma razão pode nos assegurar que as coisas foram feitas de um modo tal que é melhor do que poderíamos desejar. Desde que Deus é a mais perfeita e afortunada das substâncias sendo, portanto,

a mais adorável, e desde que o verdadeiro puro Amor consiste em estar em um estado que se permita satisfazer-se com as perfeições e a felicidade da pessoa amada, segue-se que, quando Deus é esse objeto, o amor deve dar-nos o maior prazer do qual somos capazes. (M.§ 90)

17. E é fácil amar a Deus como deveríamos se o conhecêssemos do modo como tenho afirmado. Porque embora Deus seja certamente imperceptível aos nossos sentidos externos, isso não o impede de ser muito adorável e de dar muita satisfação. Conhecemos que satisfação as honras dão aos homens, mesmo que não consistam em qualidades detectáveis por nossos sentidos externos. Mártires e fanáticos (embora as emoções desses últimos sejam mal ordenadas) mostram o que a satisfação de um espírito pode fazer: e, ademais, as satisfações dos próprios sentidos reduzem-se, ao final, às satisfações intelectuais que são conhecidas de um modo confuso. A música pode nos fascinar mesmo que sua beleza consista somente em inter-relações entre números e que, no total, não estejamos conscientes das batidas ou vibrações do corpo soante que coincidem a determinados intervalos, mas que a alma todavia percebe. As satisfações que a vista tira da proporção perspectiva são do mesmo tipo; e aquelas que os outros sentidos produzem originam-se de alguma coisa similar, mesmo que não as possamos explicar tão claramente. (M.§ 90)

18. De fato podemos afirmar que o amor de Deus já nos permite apreciar um prenúncio de nossa futura felicidade. E, embora aquele amor seja desinteressado, ele em si mesmo proporciona nosso maior bem e benefício, mesmo se não o procuramos, e quando consideramos apenas a satisfação que recebemos, sem considerar as vantagens que proporciona. Pois esse amor nos dá a perfeita confiança na bondade de nosso Autor e Senhor e nos supre com uma autêntica tranqüilidade do espírito, não como estóicos, determinados a uma paciência pela força, mas pelo contentamento atual que em si mesmo nos assegura uma felicidade futura. E inteiramente separado de nossa atual satisfação, nada nos poderia ser mais útil para o futuro, pois também aqui o amor de Deus satisfaz todas as nossas expectativas e nos conduz ao caminho da suprema felicidade porque em virtude da perfeita ordem estabelecida no universo tudo é feito o melhor possível, tanto para o bem geral como para o maior bem específico daqueles que são conscientes disso e que estão satisfeitos com o governo de Deus isso não pode faltar àqueles que sabem amar a fonte de todo bem. Na verdade a suprema felicidade (qualquer que seja a visão bem-aventurada ou conhecimento de Deus que possa acompanhá-la) jamais pode ser completa porque Deus é infinito e assim nunca pode ser conhecido inteiramente. Assim, nossa felicidade jamais consistirá, e não poderia consistir, em um completo desfrute no qual não haja nada a desejar e que venha a tornar estúpidos os nossos espíritos mas, ao contrário, em uma progressão perpétua para novos desfrutes e novas perfeições. (M.§ 90)

Fontes: LEIBNIZ, G.W. Principles of Nature and Grace. In: Woolhouse, R.S. & Francks, R. (org.) Leibniz: philosophical texts. Oxford: OUP. 1998;
_____. Principes de la Nature et de la Grace. In: C.I. Gerhardt (org) Die Philosophischen Schriften von G.W. Leibniz. Hildesheim: Olms. 1977